

## Somos Internistas

### *We, Internists*

João Sequeira

#### O início

Em 1994 teve início uma das grandes aventuras da minha vida: fazer parte da equipa redactorial da revista Medicina Interna. O convite, amavelmente formulado pelo Dr. Paulo Cantiga Duarte e pela Dr.<sup>a</sup> Isabel Colaço, distintos internistas que abraçaram a ideia desde a sua origem, era irrecusável. O projecto, encabeçado pelo Dr. Barros Veloso (na altura Director do Serviço 1 de Medicina Interna do Hospital de Santo António dos Capuchos de Lisboa), sob o patrocínio directo da Sociedade Portuguesa de Medicina Interna, pretendia criar uma revista científica de Medicina Interna (MI), moderna, que potenciase a extensa experiência clínica dos internistas portugueses no domínio da investigação científica, e incentivasse os jovens internos, a nela publicarem artigos com maior qualidade. Essa ambição encontrava-se escorada na sólida cultura centenária dos Hospitais Cívicos de Lisboa.

A MI necessitava de uma voz. Essa voz teria necessariamente de conciliar a história recente da Sociedade Portuguesa de Medicina Interna, alavancada pelo dinamismo de uma nova geração de internistas. Na senda do sucesso das Jornadas de Medicina Interna da zona Sul na década de 80 e impulsionada pelo dinamismo dos Congressos Nacionais de Medicina Interna, sentia-se desde há muitos anos a necessidade da criação de uma revista científica na área da MI. Dessa necessidade nasceu a revista da Sociedade Portuguesa de Medicina Interna. A expansão do conhecimento médico na segunda metade do século XX conduziu-nos à criação de novas especialidades sob a égide da inovação e da tecnologia. A maioria dessas especialidades nasceu no seio da MI pela mão de reputados internistas. Mas com a modernização da Medicina, crescia o risco de uma fragmentação inevitável da especialidade Mãe.

#### Dr. Barros Veloso - O visionário

Do entusiasmo do Dr. Barros Veloso nasceu a revista Medicina Interna. De alguém com interesses tão vastos como a Medicina Interna, a história e a filosofia, a mecânica quântica, o jazz e a azulejaria portuguesa, só poderíamos esperar que, mais uma vez nos surpreendesse. E assim foi. Recordo com nostalgia a primeira reunião no Hospital de Santo António dos Capuchos, por ele presidida, e que contou com a presença de todos os elementos do conselho redactorial. Nessa primeira reunião desenhou-se um esboço do que seria o regulamento da revista e planificou-se o primeiro número.

A equipa redactorial contou inicialmente com a colaboração de médicos de vários hospitais do país, que com entusiasmo abraçaram o projecto desde o seu início. Com a colaboração de muitos internistas o projecto foi dando os primeiros passos. Nem sempre a direito. Nos primeiros anos as reuniões de trabalho do Conselho Redactorial foram sempre muito concorridas. Mas devido à distância entre os vários cen-

tros de decisão da revista, assistiu-se a uma inevitável e progressiva centralização do processo de publicação. Por essa razão, entre outras, alguns dos colaboradores iniciais acabariam por se ir afastando do projecto ao longo do tempo. Durante esses primeiros anos destaco a importância no sucesso editorial do projecto de colaboradores como Luís Dutschmann, João Sá, João Araújo Correia e Manuela de Melo. Luís Dutschmann, enquanto Editor da Revista não teve vida fácil. Graças ao seu esforço e dedicação, a crescente qualidade científica dos artigos publicados contribuiu para um reforço do prestígio da revista. No entanto, e após várias tentativas inglórias de indexação da revista, algum do entusiasmo inicial dos colaboradores esmoreceu. O conselho redactorial foi-se progressivamente fragmentando. Nesse momento crítico, o altruísmo e a abnegação da Dr.<sup>a</sup> Manuela de Melo fizeram a diferença. Desde o primeiro número, e com o passar dos anos, a qualidade e a abnegação do seu trabalho passou a ser o principal pilar da revista, assumindo definitivamente o papel de lugar-tenente do Dr. Barros Veloso. Esse contributo foi-se reforçando, em tempos difíceis. Os primeiros anos constituíram assim um período de afirmação da revista, com muito esforço dedicado à consolidação do projecto. O desejado processo de indexação da Medicina Interna foi sendo sucessivamente protelado, devido a múltiplas contrariedades. O carinho que os internistas dedicaram à revista, durante esta fase, foi crucial para o seu sucesso futuro.

#### Senhor Anselmo - o anjo da literatura

A sabedoria é um sítio estranho. A solidão de quem humildemente nos ensina, nem sempre nos comove. Porque só aprendemos verdadeiramente, quando quem nos ensinou, o fez apaixonadamente. No Senhor Anselmo, o apreço pelas palavras era contagiante. Em todos os números da revista, lia os artigos ainda na fase de revisão, em busca da vírgula inexistente, ou do maldito acento que equivocadamente, teimava em ser agudo. Com a minúcia de um ourives holandês procurava a perfeição gramatical. As palavras obedeciam-lhe, como um tigre submisso a um domador de leões. Deslumbrava-nos a elegância com que tratava a língua pátria. O bailado gramatical na revisão das provas era notável.

Com o meu pai, aprendi que a língua é harmonia. Harmonia entre a sensibilidade das palavras e a força da razão. Para o Senhor Anselmo, a eterna busca por essa harmonia era a sua razão de viver. Com asas de anjo, a preto e branco, algures no céu sobre Lisboa.

#### O sucesso dos Congressos Nacionais de Medicina Interna

Os Congressos Nacionais de Medicina Interna dinamizaram sucessivas gerações de jovens internistas dando visibilidade a um trabalho

clínico-científico progressivamente mais exigente. Essa dinâmica ganhou expressão desde a década de 90, sob a chancela de uma visão ambiciosa de sucessivas direcções da Sociedade Portuguesa de Medicina Interna. O desenvolvimento de vários Núcleos de Estudo no seio da SPMI veio alavancar essa dinâmica. Da filosofia da apresentação de um ou outro caso clínico mais raro, ou da simples casuística de internamento, foi-se evoluindo, com ousadia, para projectos cada vez mais ambiciosos e originais. Essa evolução permitiu lançar uma estratégia mais assertiva de “*call for papers*” por parte do Conselho Redactorial da revista. Na última década, em todos os Congressos, foi sendo feito um desafio aos autores dos melhores trabalhos apresentados, com vista à sua futura publicação, condicionada pela aprovação após prévia peritagem científica. Esse trabalho anual de prospecção foi dando frutos. Para nossa satisfação, muito dos autores aceitaram o repto. E esse caminho incentivou muitos jovens internos a publicarem os seus dados com regularidade e rigor.

### O Secretariado da Sociedade Portuguesa de Medicina Interna (SPMI) - Os três mosqueteiros

“*Diz-me quem são as tuas secretárias, e dir-te-ei que revista és*”. Ao longo da sua existência, a revista contou com a colaboração dedicada das secretárias da SPMI (Cristina e Adelina mais dedicadas à revista, e Ana mais dedicada ao secretariado). Com o passar dos anos a qualidade do seu trabalho para a revista foi adquirindo requinte. Insubstituíveis. Convenço-me que a alma de uma revista, a existir, viverá seguramente na bondosa resiliência das suas secretárias. Não será demais sublinhar a sua importância na planificação do trabalho editorial, desde a verificação geral do artigo e sua adequação ao regulamento da revista, até à logística de preparação da revista para a impressão gráfica. Em anos mais recentes, o trabalho cuidadoso e pormenorizado de revisão final pré-impressão, foi admiravelmente coadjuvado pela Paula Cordeiro em colaboração com a empresa *Admédic*. Fica aqui a nota de agradecimento.

### Soares de Sousa – A inspiração camiliana

Da cidade do Porto veio ele. De sorriso aberto, engalanado por farras barbas camilianas, e calvície bonacheirona. O sotaque nortenho traía-o. Em cada reunião da revista, marchava para Lisboa no carrinho francês que muito estimava. Soares de Sousa sempre exerceu as funções de Director da revista com solenidade. Essa solenidade que vinha de muitos anos de veteranía enquanto internista. A sua fidelidade ao purismo literário ombreava com o rigor com que abordava qualquer tema clínico em discussão. O seu amor ao papel, contrastava com o desdém com que ostracizava os meios de suporte informático. O poder do lápis era supremo. Para muita tristeza angustiada das abnegadas secretárias da revista. Em todas as reuniões, havia lugar a uma minuciosa discussão científica de cada um dos artigos em fase de revisão. No final, acabávamos exaustos. E lá voltava o homem para o Norte. Sem descanso. Imaginava-o sempre algures no século XIX, num café portuense, em acesa discussão literária com Camilo, à volta de uma mesa mergulhada em nevoeiro de fumo de tabaco consumido a galope, no meio de canecas vazias de cerveja, e de pratos com restos de francesinhas mal saboreadas, entre veementes oratórias. Foram tempos solenes. Fica a saudade.

### João Mascarenhas Araújo – Liderança e rigor

Com o Dr. João Mascarenhas Araújo como Director da Revista as coisas nunca foram fáceis. Vinha-me frequentemente à cabeça, aquele verso de José Régio no “*Cântico Negro*”: “*Só sei que não vou por aí!*”. Não que não fosse agradável trabalhar com ele. Pelo contrário. A rectidão do seu carácter aliava-se ao rigor científico da velha escola portuguesa de Medicina Interna. Discípulo de Nogueira da Costa e de Nápoles Sarmiento, entre outros ilustres internistas, o Dr. João Mascarenhas Araújo desempenhou, sem margem para dúvida, um papel fulcral na consolidação da Revista. Firme de princípios, e possuidor de uma erudição invulgar, encantava-nos com o seu humor inteligente, sibilino e subtil. De personalidade assertiva, sempre que desejava exprimir a sua firme discordância sobre algo (que habitualmente tinha a ver com questões de Ética...), utilizava a expressão “comigo não!”, vincando assertivamente que não iria por ali. Essa verticalidade era parte inata da sua invulgar capacidade de liderança.

Por essa altura, não abundavam os colaboradores, e assistíamos a uma diminuição do número de artigos propostos para publicação. Felizmente, com a modificação durante a primeira década do século XXI do regime de internato complementar de Medicina, foi introduzida uma maior exigência curricular no campo da publicação científica, tendo sido possível assistir a uma inversão da situação desde então.

### A omnipresença da Direcção da SPMI

Ao longo dos anos, a SPMI sempre olhou para a revista com carinho. Esse apoio fez-se sentir desde o início através da magistratura de influência do Dr. Faustino Ferreira, e mais tarde de outros membros do seu corpo directivo. Médico prestigiado, proveniente da escola clínica do Dr. Monteiro Baptista no Hospital Curry Cabral, com extenso currículo de trabalho associativo, Faustino Ferreira desempenhou desde sempre um papel fundamental na afirmação da revista Medicina Interna como o ex libris da Medicina Interna portuguesa. Mais tarde, em colaboração com o Dr. Martins Baptista, contribuiu para a desejada internacionalização da SPMI no seio da Sociedade Europeia de Medicina Interna (ESIM), alicerçada na organização de várias escolas de Verão da ESIM em Portugal entre 2006 e 2009. Na sequência desta colaboração, iniciou-se o projecto de tradução bilingue da Revista, assim como a colocação da Revista *online*, permitindo, finalmente, o acesso livre à totalidade dos artigos da Revista, desde a sua fundação em 1994.

### O apoio da indústria farmacêutica

Uma palavra para a indústria farmacêutica. Sem ela não existiriam novas moléculas. Com ela foi possível ao longo dos anos a realização de congressos científicos organizados pelas várias sociedades científicas existentes em Portugal. O seu continuado apoio comercial à revista, com anúncios pagos, foi desde sempre essencial à sobrevivência desta última, permitindo à SPMI uma razoável compensação financeira pelos elevados custos de publicação e distribuição. A necessidade de aperto económico em tempos de crise foi desde sempre um estímulo para fazer mais e melhor; mantendo desde o primeiro número uma rigorosa e saudável independência editorial, e seguindo uma política de ne-

cessária “separação das águas” entre o estrito rigor científico da revista, e eventuais interesses comerciais por parte da indústria farmacêutica.

## Estratégia editorial

Constituiu estratégia basilar da revista incentivar os médicos mais novos a publicar, com regularidade, artigos de elevado rigor científico. Pretendia-se a publicação de trabalhos originais, mais ambiciosos, que reflectissem a realidade clínica portuguesa. Foi enfatizada a importância da pedagogia na eventual rejeição dos trabalhos submetidos, e cultivada uma cultura de respeito pelo esforço dos autores. Da apresentação de casos clínicos em reuniões de serviço evoluímos para a apresentação de séries originais com dados mais robustos nos Congressos Nacionais, e mais tarde para a sua publicação na revista Medicina Interna. Em tempos mais recentes, foi seguida activamente uma política de “call-for-papers” com o objectivo de potenciar a qualidade científica da revista com a produção científica dos Congressos Nacionais. Foi dada particular atenção à evolução da qualidade científica e literária dos artigos publicados. A escolha de peritos dedicados, e cientificamente idóneos, foi desde sempre uma prioridade editorial. A necessidade de descentralização da produção científica, e a importância crescente dos Hospitais Distritais, permitiram à revista posicionar-se, a nível nacional, com uma base de apoio mais alargada. Mais recentemente, prosseguiu-se uma estratégia de publicação regular de editoriais cientificamente actuais, alguns dos quais sobre artigos considerados de maior relevância.<sup>1-2</sup>

Ao longo do tempo de vida da revista nem tudo correu bem. Após repetidas tentativas, a obtenção de reconhecimento internacional através da indexação continuava uma miragem. A publicação trimestral dificultava a colocação atempada de artigos. Apesar de todos os esforços por parte do Conselho Redactorial, os prazos entre a submissão do artigo e a sua publicação mantinham-se dilatados; mais do que o desejável. E a escassez inicial de artigos originais contrastava com a abundância de casos clínicos.

No entanto, a política de tradução da revista para a língua inglesa permitiu uma maior visibilidade internacional da revista, com particular importância no Brasil. O acesso livre aos artigos da revista pela internet, em versão PDF, alicerçada na adopção mais recente de um modelo de submissão electrónica dos artigos científicos, permitiu uma adaptação da estratégia da revista aos tempos modernos.

## A submissão electrónica de artigos

Em 2011 procedeu-se à transição para um processo de submissão e revisão de artigos em plataforma electrónica.<sup>3</sup> Para este passo decisivo, foi mais uma vez importante o apoio da Direcção da SPMI. Com esta mudança, pretendeu-se facilitar o acesso *online* à revista por parte dos autores, reduzir os tempos do circuito operativo do Conselho Redactorial, e encurtando necessariamente o prazo de tempo entre a submissão do manuscrito e a sua publicação efectiva. A revista, ao migrar para a plataforma electrónica, permitiu também uma alternativa complementar ao papel, no acesso dos peritos aos conteúdos da Revista.

## A importância da peritagem científica

Uma das funções mais críticas na estratégia editorial de uma revista compete aos peritos. Médicos que, graciosamente, e com muita dedicação, penosidade e exigência pessoal, contribuem com uma peri-

tagem científica necessariamente criteriosa dos artigos publicados. Ao longo dos anos, nem sempre essa colaboração foi fácil. Mas o balanço dos mais de 20 anos de existência da revista só nos pode deixar orgulhosos pelo privilégio de termos podido trabalhar com muitos e brilhantes médicos do nosso belo país, na função de peritos científicos da revista Medicina Interna. Bem hajam.

## Uma nota pessoal

Não posso deixar de demonstrar o meu sentido apreço pelo valor humano demonstrado por vários elementos do conselho redactorial, com quem tive o privilégio de trabalhar. Destes, destaco pela sua dedicação, qualidade, e importância do seu trabalho para a revista, os seguintes elementos do Conselho Redactorial: Filipa Malheiro, Nuno Bernardino, Zélia Lopes, Maria João Lobão, Sofia Lourenço e Luís Duarte Costa. Com estes “jovens turcos” a revista evoluiu. Muiíssimo.

## Os autores

Uma palavra final de apreço para os autores. Que humildemente publicaram os seus dados cientificamente relevantes. Que transmitiram as suas experiências clínicas mais raras e invulgares, com esforçado sentido pedagógico. Que, pacientemente, muito penaram à espera de ver o seu artigo publicado. E sem os quais esta revista nunca teria sido possível.

## O passado e o futuro

Com o Dr. João Sá tive o privilégio de trabalhar, e aprender, durante um já longínquo período de tempo, no início da década de 90, em que estagiei na U.U.M. do Hospital de São José. Não me assumindo particularmente como médico com vocação para Medicina Intensiva, nunca deixei de admirar a filosofia praticada naquela Unidade, na altura sob a responsabilidade do Dr. Resina Rodrigues, seu líder incontestável. Foram tempos duros, e inspiradores, para todos nós que lá estagiámos. Das visitas clínicas sob a responsabilidade do Dr. João Sá relembro, com saudade e gratidão, os ensinamentos, que nelas adquiri. O humanismo, inspiração da excelência técnica. Os processos de decisão clínica, centrados no superior interesse do doente. Episódios marcantes que nos ensinaram, e nos tornaram homens. Com ele, a revista está bem entregue. Conosco, ele conta a partir de agora. O futuro dependerá, como sempre tem dependido, de todos nós. Nós, internistas. ■

*Conflitos de Interesse: Os autores declaram a inexistência de conflitos de interesse na realização do presente trabalho*

*Fontes de Financiamento: Não existiram fontes externas de financiamento para a realização deste artigo*

*Correspondência: jsequeira@chlo.min-saude.pt*

*Recebido: 15.12.2015*

*Aceite: 18.12.2015*

## Referências

1. Barata C, Azevedo F. Qualidade do processo clínico – estudo comparativo 2004-2005. *Med Interna*. 2011; 18: 4-9
2. Sequeira J. História clínica: notícia de uma morte largamente exagerada?. *Med Interna*. 2011; 18: 3
3. Sequeira J. Para que tudo fique na mesma, é essencial que algo mude. *Med Interna*. 2012; 19: 119-20